

cia, não apenas para a biografia do seu autor, mas para o conhecimento da História da América. O *Diário*, segundo informa Múcio Leão, permaneceu inédito durante mais de século e meio e foi Alceu de Amoroso Lima que mandou que se fizesse cópia do mesmo e que cedeu essa cópia para que a Academia a publicasse. E muito bem fez a Academia em publicá-la. Que outros documentos importantes possa ela trazer ao conhecimento dos estudiosos, tais são os nossos votos.

A viagem de Hipólito da Costa aos Estados Unidos foi determinada pelo grande ministro, o 1º conde de Linhares, ilustre mineiro que tão importantes serviços prestou ao Brasil na fase preparatória da nossa Independência. Partiu de Lisboa, o jovem bacharel brasileiro, com a incumbência de observar e estudar a economia agrícola norte-americana, principalmente as questões que se prendiam ao cultivo do tabaco, da cana, do cânhamo e da cochinchinha, assim como também de estudar a construção de obras de hidráulica. Tão importantes foram os serviços do jovem bacharel em filosofia, que D. Rodrigo de Sousa Coutinho nomeou-o deputado literário à Junta da Imprensa Régia. Mas foram apenas êstes os resultados da missão. Infelizmente a parte prática, os resultados práticos, perderam-se, pois as sementes colhidas e remetidas por Hipólito da Costa — e que se destinavam ao Brasil — acabaram, em virtude de burocratices, apodrecendo... Mas, como diz Amoroso Lima, ao menos salvou-se o *Diário*, onde Hipólito da Costa descreve, com finura, a germinação de um grande país.

Está infelizmente para ser estudada a grande figura do diretor do *Correio Brasiliense*. Apenas começa agora a ser feito o estudo da vida e das aventuras pelas quais passou Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, bacharel em filosofia e leis pela Universidade de Coimbra. Era ele um espírito curioso e vivo, um verdadeiro representante do pensamento do século XVIII. Curiosa e viva é, também a descrição que faz do grande país que visitou, no alvorecer do século XIX. Conta ele, depois de narrada a viagem, que chegou a Filadélfia e que foi hospedar-se na *City Tavern* onde pagava, a séco, para ele e para o criado, 15 dólares por semana. 15 dólares que representavam então, apenas... 12 cruzeiros. "O mil réis dava ágio ao dólar — observa Amoroso Lima. E' para ver o câmbio que temos andado desde o século XVIII..." Conheceu Hipólito da Costa, em Newport, um certo inglês, Stuart, que viajava, dizia, *para o bem da Filosofia*. Era homem que fôra rico e que tudo deixara, vivendo apenas das lições que dava. Mas, não lavava a camisa "senão raras vezes e lavava-se em água suja; numa palavra: é porco por princípio" (pp. 182-183). Como não achou discípulos que o seguissem, o que muito lisongeia os americanos do norte, mudou-se...

Este *Diário* é, assim, cheio de observações interessantes. Que a Academia, como dissemos, continui a publicar outros documentos, como este, de inestimável preço para os estudiosos.

J. CRUZ COSTA

---

BULHÕES (Augusto de). — *Ministros da Fazenda do Brasil* (1808-1954), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1955, 274 pp.

O Sr. Augusto de Bulhões, alto funcionário da Fazenda Federal e que ainda há pouco publicava um interessante estudo sobre Leo-

poldo de Bulhões, que aqui tivemos ocasião de examinar, volta a trazer importante contribuição para o estudo da história financeira da República com este novo trabalho que é o seu livro, *Ministros da Fazenda do Brasil*. Seu livro, ao lado da obra de Pinto do Carmo sobre o mesmo assunto, constituem valiosa contribuição para o estudo da história financeira do nosso país.

J. CRUZ COSTA

STADEN JAHRBUCH, vols. 2 e 3, 1954 e 1955, Instituto Hans Staden, São Paulo.

Nesta mesma secção da *Revista de História* já tivemos oportunidade de noticiar a publicação do número inaugural dos *Staden Jahrbuecher*, patrocinados pelo Instituto Hans Staden, desta capital, e destinado a colaborar para uma compreensão cada vez maior dos problemas brasileiros por parte dos alemães, estejam elas aqui radicados ou não, e de teuto-brasileiros. Tratava-se, sem a menor sombra de dúvida, de um acontecimento realmente auspicioso, a tal ponto que não nos pudemos furtar ao desejô de que o exemplo frutificasse. Pensávamos, então, ser interessante que outras instituições culturais mantidas por brasileiros ainda ligados, por meio de contactos de diversas ordens, à terra de seus pais, e que por isso se preocupassem com a divulgação e melhor compreensão de nossos problemas nos países de seus maiores, se abalançassem ao lançamento de publicações semelhantes. Acima de tudo, entretanto, desejávamos longa vida aos *Staden Jahrbuecher*, temendo que dificuldades facilmente comprehensíveis não permitissem a organização e a publicação regulares dos Anuários. Ao noticiarmos, agora, o aparecimento dos números 2 e 3, correspondentes a 1954 e a 1955, verificamos a falta de base de nossos temores. O Instituto Hans Staden, bem como o Prof. Egon Schaden e seu excelente corpo de colaboradores, sejam elas autores dos trabalhos publicados ou seus tradutores, parecem efetivamente determinados a levar avante o empreendimento que se propuseram, estando já mesmo em elaboração o número 4 do Anuário, para 1956.

São os seguintes os trabalhos constantes das referidas publicações: Número 2, 1954: Henrique Oscar Wiederspahn, "Non ducor, duco"; Gioconda Mussolini, "Die Lebensweise der brasilianischen Kuestenbevoelkerung" (trad. Olívia Florence); Wolfgang Buecherl, "Einige wenig bekannte Bodenschaezze Brasiliens"; Margarete Speer, "Butantan, ein vorbildliches Forschungs institut"; Viktor Leinz, "Der Kaffeebohnenkaefer im Staate São Paulo"; José Albertino Rodrigues, "Die wirtschaftliche und soziale Lage in Minas Gerais zur Kolonialzeit" (trad. Maria Teresa Schorer); Lourival Gomes Machado, "Das Barock von Minas Gerais und das Werk des Aleijadinho" (trad. Rudolf Peschke); Georg Hoeltze, "Die Propheten von Congonhas do Campo"; José Aderaldo Castelo, "Tendenzen des modern brasilianischen Romans" (trad. Rudolf Peschke); Rudolf Peschke, "Sklaverei und Sklavenbefreiung in Brasilien"; Anatol H. Rosenfeld, "Die Situation des Farbigen in Brasilien"; Karl H. Oberacker, "Die Sozialgeschichtliche Bedeutung der deutschen Einwanderung"; Egon Schaden, "Der Deutschbrasilianer — ein Problem"; Karl Fouquet "Periodika im Dienste des deutsch-brasiliandischen Kultur- und Wirtschaftsaustausches".